

TRABALHANDO O PRECONCEITO LINGÜÍSTICO NO ENSINO FUNDAMENTAL II: A PERCEPÇÃO DOCENTE EM PERSPECTIVA E ENCAMINHAMENTO DE PROJETO DIDÁTICO INTERDISCIPLINAR

Quézia Brandão dos Santos (UVA)

queziabrandao3@gmail.com

Silvana Moreli Vicente Dias (UVA)

silmorelivdias@gmail.com

RESUMO

Este trabalho desenvolve uma reflexão sobre a diversidade linguística presente no cotidiano escolar hoje em nosso país e propõe um encaminhamento docente a fim de desenvolver o protagonismo e a criticidade dos estudantes. As principais fontes bibliográficas empregadas são: Silva (2014), Fiorin (2002), Bakhtin (2011), Terra (2018), Bagno, (2013), Sobroza (2017), dentre outras. Pretende-se, mais especificamente, motivar estudos interdisciplinares sobre o ensino da diversidade linguística e sobre modos de combater o preconceito linguístico na sociedade. Com base no método da pesquisa-ação, em um primeiro momento, questionários foram respondidos por professores situados no estado do Rio de Janeiro, no ano de 2024, a fim de identificar e avaliar questões e problemas relacionadas aos usos da língua portuguesa por alunos dos anos finais do ensino fundamental. Pesquisas na área da Educação e da Sociolinguística permitiram analisar e refletir sobre o impacto da diversidade linguística na oralidade e na escrita dos estudantes, reforçando-se a necessidade de se conduzirem práticas reflexivas sobre os usos do português brasileiro, sobre a riqueza da diversidade em nosso território e sobre a importância dos usos conscientes da língua nos mais diversos contextos sociais. Ao final desta pesquisa, discutiram-se caminhos pedagógicos possíveis em aulas interdisciplinares e voltadas para práticas de multiletramentos, a fim de contribuir para o desenvolvimento de práticas transformadoras e socialmente engajadas.

Palavras-chave:

Diversidade linguística. Preconceito Linguístico. Ensino de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This paper reflects on the linguistic diversity present in everyday school life in our country today and proposes a teaching approach to develop students' protagonism and criticality. The main bibliographical sources used are: Silva (2014), Fiorin (2002), Bakhtin (2011), Terra (2018), Bagno (2013), Sobroza (2017), among others. More specifically, the aim is to encourage interdisciplinary studies on the teaching of linguistic diversity and ways of combating linguistic prejudice in society. Based on the action research method, questionnaires were first answered by teachers in the state of Rio de Janeiro in 2024, to identify and evaluate issues and problems related to the use of the Portuguese language by students in the final years of elementary school. Research in the field of Education and Sociolinguistics has made it possible to analyze and reflect

on the impact of linguistic diversity on students' speaking and writing, reinforcing the need to conduct reflective practices on the uses of Brazilian Portuguese, on the richness of diversity in our territory and on the importance of conscious uses of the language in the most diverse social contexts. At the end of this research, pedagogical perspectives were discussed in the context of interdisciplinary classes, focused on multiliteracies practices, to contribute to the development of transformative and socially engaged practices.

Keywords:

Linguistic diversity. Linguistic prejudice. Portuguese language teaching.

1. Introdução

A língua denominada portuguesa não é falada do mesmo modo por todas as pessoas que a utilizam. Ela é falada em Portugal, no Brasil, em Angola, em Moçambique, em Goa, em Macau, em Cabo Verde etc. São aproximadamente 220 milhões de pessoas, o que a torna a 6.^a língua do mundo em número de falantes. O modo de falar de uma pessoa permite saber se ela é nascida e criada, ou não, na mesma região onde nascemos.

Podemos até saber a que classe social uma pessoa pertence a ouvindo falar. Ao longo do tempo, a língua portuguesa vem sofrendo diversas variações, por exemplo, no diz respeito a: pronúncia, vocabulário, gramática e até mesmo uso de expressões idiomáticas. As mudanças são influenciadas por fatores históricos, sociais, culturais e geográficos. Silva (2014) afirma:

O Brasil tem uma ampla miscigenação cultural, tendo influências europeias, africanas e indígenas se tornando assim um país multicultural desde o seu período de colonização. E essa mistura enraizada no solo brasileiro não se limita aos aspectos culturais e sociais, se estendendo também aos aspectos linguísticos, contribuindo para uma grande variedade de dialetos e manifestações linguísticas. (SILVA, 2014, p.2)

A variação linguística do português brasileiro é muito evidente devido a sua extensão territorial e diversidade cultural. Cada região do país tem sua própria maneira de falar, com diferentes sotaques, vocabulários e estruturas gramaticais.

Por que não falamos todos do mesmo modo? É que todas as línguas mudam numa sucessão de mudanças, pois cada nova geração de uma comunidade introduz alguma mudança na língua. Cada mudança isolada pode passar despercebida, mas, depois de muitas gerações, uma pessoa que ressuscitasse em seu lugar de nascimento não entenderia

mais, do mesmo modo, a língua dos seus descendentes. Essas variações de uma língua recebem diferentes nomes. Daremos atenção, nesse contexto, à variação diatópica, que é a variação linguística relacionada à região.

A variação diatópica é relativamente fácil de ser constatada em nosso imenso território brasileiro. E, junto com ela, vem o preconceito linguístico, muito presente em nossa sociedade. No Brasil, essa discriminação ocorre frequentemente em relação a variedades linguísticas associadas a grupos sociais marginalizados ou a determinadas regiões do país. O preconceito linguístico pode ter consequências significativas, incluindo exclusão social, discriminação no mercado de trabalho, baixa autoestima e até mesmo desistência escolar. Portanto, é importante reconhecer e valorizar a diversidade linguística do Brasil e combater ativamente o preconceito linguístico, promovendo o respeito por todas as variedades linguísticas e incentivando a educação linguística inclusiva e igualitária.

A grande motivação desta pesquisa surgiu com a história de vida da minha mãe, muito semelhante à de muitas outras pessoas de diferentes partes do Brasil. A Sr^a Helena, baiana, minha mãe, nasceu numa cidade do interior, chamada Jequié, em meados dos anos 1950. Como de costume, vivia numa pobreza extrema. Aos quinze anos, decidiu sair de sua cidade natal e vir para o Rio de Janeiro, para ter uma condição de vida melhor. Chegando aqui, se deparou com situações completamente diferentes às quais estava acostumada. A história de vida da minha mãe me inspirou a trazer esse tema, que tem grande relevância acadêmica e social. Ela sofria muito preconceito linguístico por causa do seu sotaque. Era sempre alvo de estereótipos e discriminação por parte de algumas pessoas, desde aquela época até hoje.

Sabemos que, além das diferenças regionais, a língua portuguesa também sofreu mudanças devido à evolução natural da linguagem. Freitag e Savedra (2023) afirmam:

Mas aqui não falamos só português. A existência de outras línguas, no entanto, embora empírica e legalmente reconhecidas, não faz parte do imaginário da nação, que se molda por uma ideologia monolíngue, a de que aqui todos falamos português, a língua da integração nacional. (FREITAG; SAVEDRA, 2023, p. 13)

Novas palavras são incorporadas ao vocabulário, enquanto outras caem em desuso. E essa realidade precisa ser objeto de reflexão na escola, espaço em que as grandes transformações sociais devem ocorrer:

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro as diferentes situações comunicativas [...] é saber, portanto, quais variedades e registro da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. (BRASIL, 1997, p. 31)

A gramática também pode ser influenciada por mudanças na forma como as pessoas se comunicam. Neste sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental PCNs (1997), como vimos acima, já apontavam para a importância de se refletir sobre a língua como fenômeno concreto, empregada em diferentes contextos comunicativos. É nessa perspectiva que nosso trabalho se encaminha.

2. A língua como meio de comunicação

A linguagem é um meio de comunicação essencial para a interação na sociedade, afirma Fiorin (2002):

Assim como não há sociedade sem linguagem, não há sociedade sem comunicação. Tudo o que se produz como linguagem ocorre em sociedade, para ser comunicado, e, como tal, constitui uma realidade material que se relaciona com o que lhe é exterior, com o que existe independentemente da linguagem. (FIORIN, 2002, p. 13)

Ela permite a transmissão de informações, ideias, emoções e pensamentos de uma pessoa para outra, possibilitando a comunicação e a compreensão mútua. Através da linguagem, as pessoas podem expressar suas necessidades, compartilhar experiências, aprender e colaborar umas com as outras. Como Terra (2018) coloca,

A linguagem também já foi pensada como instrumento de comunicação. Por essa concepção, a língua é concebida como um código por meio do qual se estabelece a comunicação entre um emissor (aquele que codifica) e um receptor (aquele que decodifica). Tal concepção foi bastante difundida entre nós. O conhecido esquema da comunicação com seus seis elementos (emissor, receptor, mensagem, código, contexto e canal). (TERRA, 2018, p. 8)

A linguagem pode assumir diferentes formas, incluindo a linguagem falada, a linguagem escrita, gestos, expressões faciais e outras formas não verbais de comunicação. Cada uma dessas formas tem suas próprias características e utilizações específicas, mas todas desempenham um papel importante na comunicação humana. Como afirma Santana e Neves (2015),

A comunicação é uma das principais funções da língua. Através dela os homens se desenvolvem, argumentam, perguntam, ensinam e instruem outros. A língua faz parte da nossa identidade e da nossa cultura e está presente nas experiências do nosso cotidiano. (SANTANA; NEVES, 2015, p. 76)

A linguagem também desempenha um papel crucial na construção de identidades individuais e coletivas, na preservação da cultura e na formação de vínculos sociais. Ela é um componente central da vida em sociedade e é fundamental para o funcionamento das instituições, da política, da educação, da economia e de muitos outros aspectos da vida humana.

Portanto, a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também é uma ferramenta poderosa para a expressão, a conexão e o desenvolvimento humano. Seja através da linguagem falada, escrita ou de outras formas de comunicação, a linguagem desempenha um papel fundamental na nossa capacidade de nos relacionarmos e de compreendermos o mundo ao nosso redor. É essencial para a comunicação e para a transmissão de conhecimento, cultura e valores. Ambas as formas de linguagem, falada ou escrita, desempenham papéis distintos, mas complementares, e são essenciais em diferentes contextos sociais.

A língua falada é utilizada em interações face a face, em situações informais e em comunicações rápidas e dinâmicas. Ela permite uma comunicação imediata e pode incluir elementos não verbais, como gestos e entonação, que enriquecem o significado das palavras. A linguagem falada é crucial para o desenvolvimento de relacionamentos pessoais, negociações, debates e outras formas de interação social.

Por outro lado, a língua escrita é utilizada em contextos mais formais e para comunicações que precisam ser registradas e preservadas ao longo do tempo. A escrita é fundamental para a transmissão de informações complexas, o armazenamento do conhecimento humano, a educação formal, a comunicação empresarial e a disseminação de ideias através de obras literárias, jornalísticas e científicas. Para Terra (2018),

Como instituição social, ela [a língua] não é absolutamente um ato, escapa a qualquer premeditação; é a parte social da linguagem; o indivíduo não pode, sozinho, nem a criar nem a modificar. Trata-se essencialmente de um contrato coletivo ao qual temos de submeter-nos em bloco se quisermos nos comunicar; além disto, esse produto social é autônomo, à maneira de um jogo com suas regras, pois só se pode manejá-lo depois de uma aprendizagem. (TERRA, 2018, p. 18)

Ambas as formas de linguagem têm suas próprias convenções e normas, e o domínio tanto da linguagem falada quanto da escrita é importante para uma participação eficaz na sociedade. A habilidade de se comunicar de maneira clara e eficiente, tanto oralmente quanto por escrito, é uma habilidade valiosa em praticamente todos os aspectos da vida moderna. Mas devemos saber distinguir uma da outra, como diz Terra (2018):

Também não devemos confundir língua com escrita, já que são coisas distintas. A escrita representa um estágio posterior de uma língua, tanto que muitas pessoas utilizam a língua sem saber utilizar a forma escrita. Basta lembrar as pessoas não alfabetizadas. Nós mesmos aprendemos a escrita após ter o domínio da língua. (TERRA, 2018, p. 13)

Visto isso, é importante sempre entender que a língua falada, como evidenciado nos estudos sobre o português brasileiro, é a nossa língua do dia a dia, sofre variações, é viva. O português brasileiro varia consideravelmente em sua forma falada, devido à vasta extensão territorial do país, sua história multicultural e sua diversidade socioeconômica. A variedade linguística no Brasil é uma das mais ricas do mundo, refletindo a vasta extensão territorial do país, sua história multicultural e a diversidade de seus povos.

O Brasil é um país enorme, e cada região tem seu próprio sotaque distintivo. Por exemplo, o sotaque nordestino é marcado por características como a pronúncia da letra “r” como um som mais suave, ao passo que o sotaque gaúcho, na região sul, pode ter uma pronúncia mais arrastada de certas vogais. Sobre isso, explica Fiorin (2010):

As diferenças de pronúncia, de vocabulário e de sintaxe observadas por um habitante de São Paulo, por exemplo, ao comparar sua expressão verbal à dos falantes de outras regiões, como Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Belo Horizonte, muitas vezes o fazem considerar “horrível” o sotaque de algumas dessas regiões; “esquisito” seu vocabulário e “errada” sua sintaxe. Esses julgamentos não são levados em conta pelo linguista, cuja função é estudar toda e qualquer expressão linguística como um fato merecedor de descrição e explicação dentro de um quadro científico adequado. (FIORIN, 2002, p. 19)

Assim como em qualquer lugar do mundo, o Brasil tem uma grande variedade de gírias e jargões que podem ser específicos de determinadas regiões ou grupos sociais. Essas expressões informais podem mudar rapidamente e são frequentemente influenciadas pela cultura popular e pelas mídias sociais.

A variedade linguística no Brasil também se manifesta nos diferentes registros de linguagem. Enquanto o português padrão é usado em situações formais, como na mídia e na escrita oficial, há uma ampla gama de variações informais usadas na comunicação cotidiana.

3. *Variação Diatópica x Preconceito Linguístico*

A variação diatópica refere-se às variações na língua que ocorrem de acordo com a região geográfica. Essas variações podem incluir diferenças no vocabulário, na pronúncia, na gramática e até mesmo no uso de certas expressões idiomáticas. Por outro lado, o preconceito linguístico é o julgamento negativo ou a atitude discriminatória em relação a determinadas formas de falar ou dialetos. Fiorin (2010) afirma:

Pensemos primeiro em casos de variação diatópica. O exemplo de variação lexical dado, quando vimos que há uma palavra diferente na Bahia para o que no estado de São Paulo chamamos de abóbora, já constitui um caso de variação diatópica. Para seguir na exemplificação, focalizando a variação agora nos sons, podemos lembrar a clara diferença que distingue falantes cariocas de paulistanos: o modo como eles pronunciam o -r em final de sílaba. Paulistanos tendem a pronunciar tal -r como uma vibrante simples – um “flap”, como costumam dizer os foneticistas –, enquanto os cariocas são conhecidos por aspirar o mesmo -r... (FIORIN, 2010, p. 122)

Fiorin, no trecho anterior, deixa clara a existência dos sotaques de cada região. Entendemos que os diferentes sotaques encontrados no Brasil podem ser explicados sob o ponto de vista histórico. Sabemos que nosso país foi colonizado por diferentes povos que, com exceção dos povos indígenas, chegaram aqui em diferentes momentos de nossa história, de modo que ficamos com variações linguísticas muito bem marcadas. Ainda Fiorin (2010) conclui:

Temos então, aqui, um exemplo de variação diatópica no nível fonético do português falado no Brasil (doravante PB). Usando símbolos gráficos internacionalmente arbitrados para a representação gráfica dos sons das línguas, podemos dizer, em termos correntes da sociolinguística variacionista, que o /r/ (o flap paulistano) e o /h/ (o aspirado carioca) são variantes linguísticas. Ambos constituem uma variável, qual seja, a pronúncia do -r em final de sílaba no PB. A variável linguística é, portanto, um conjunto de duas ou mais variantes. Estas, por sua vez, são diferentes formas linguísticas que veiculam um mesmo sentido. (FIORIN, 2010, p. 123)

Nem sempre a presença dos sotaques é óbvia em um texto. Os sotaques até podem não ser evidentes, mas são inerentes à formação comunitária, explorando a linguagem cotidiana (que não é padronizada).

Assim, é crucial reconhecê-los para que o conceito de preconceito linguístico seja discutido e problematizado no contexto das diferentes sociedades.

O preconceito linguístico é a tendência de julgar negativamente ou discriminar pessoas com base na forma como elas falam ou no dialeto que utilizam. Esse preconceito pode se manifestar de várias maneiras, como ridicularização de sotaques, menosprezo por variações regionais da língua, desvalorização de gírias ou dialetos não padrão, entre outras formas.

Muitas vezes está ligado a ideias de superioridade e inferioridade linguística, em que variantes consideradas “corretas” ou “padrão” são valorizadas, em detrimento de outras formas de falar. Isso pode levar a estigmatização de certos grupos sociais, marginalização de comunidades linguísticas e até mesmo à exclusão social ou profissional de pessoas que falam de maneira diferente.

É importante reconhecer e combater o preconceito linguístico, promovendo a valorização da diversidade linguística e cultural. Cada variante linguística tem sua própria riqueza e validade, e todas as formas de expressão merecem respeito e reconhecimento. A educação sobre diversidade linguística e o incentivo ao respeito mútuo são passos importantes para superar o preconceito linguístico e construir sociedades mais justas, inclusivas e democráticas.

A relação entre variação diatópica e preconceito linguístico reside no fato de que as pessoas muitas vezes associam características estigmatizadas a certos dialetos ou variantes regionais. Por exemplo, em muitos países, há uma tendência de associar determinados sotaques ou maneiras de falar com baixo nível de educação, falta de inteligência ou até mesmo com características negativas de personalidade. Isso pode levar a estereótipos e preconceitos em relação aos falantes desses dialetos ou variantes regionais.

4. A práxis docente e o ensino de uma linguagem inclusiva

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que estabelece os conhecimentos, competências e habilidades essenciais que todos os alunos brasileiros devem desenvolver ao longo de sua educação básica. No contexto das variações linguísticas no ensino fundamental II (6º ao 9º ano), a BNCC reconhece a importância de promover

uma educação linguística que leve em conta a diversidade cultural e linguística do Brasil. Abaixo, elaboramos resultados e discussão desses resultados obtidos, tendo em vista os objetivos da pesquisa.

4.1. Resultados e discussão

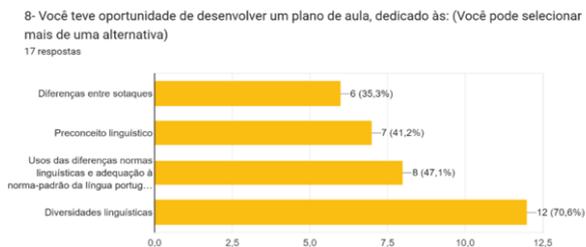
O formulário aplicado teve como objetivo avaliar o dia a dia dos professores de todas as esferas educativas, sejam elas: cursos, escolas etc., visando também entender quais medidas eles tomaram após presenciarem um caso de preconceito linguístico em sala de aula, se eles são recorrentes etc. Segundo Mota (2019, p.374), a pesquisa de campo tem como objetivo:

[...] orientar os trabalhos de pesquisa realizados pelos acadêmicos, não apenas no sentido da elaboração específica para conclusão de curso, mas, sobretudo, despertar nos acadêmicos, futuros professores, o desejo pela pesquisa, investigação científica, o uso das tecnologias, bem como a busca de respostas para os problemas existentes no campo educacional. (MOTA, 2019, p. 374)

As informações coletadas foram feitas através do *Google Forms*, de maneira anônima, como informado aos participantes anteriormente. Os questionários foram respondidos voluntariamente no mês de maio, por um total de 17 pessoas. As respostas de docentes permitiram analisar o impacto da BNCC no currículo escolar em relação às variações.

Abaixo, encontra-se parte do questionário elaborado para professores de todas as esferas educacionais, seguido da análise sobre as informações colhidas por meio deste formulário.

Figura 1: Planos de aulas dedicado as variações de sotaques.



Fonte: <https://forms.gle/QryfkwzcxUHMqyW58>.

Quadro 1: Vivência de preconceito linguístico em sala de aula e medida adotada.

9-Enquanto você lecionava, você já vivenciou algum caso de preconceito linguístico? Se sim, qual medida você tomou?

12 respostas

Não.
Admoestei a parte agressora
Sim, com alunos nordestinos e angolanos. Foi realizado uma roda de conversa sobre o impacto do bullying e preconceito na vida do indivíduo; frisando a necessidade do respeito e tolerância. Mostrando também vídeos e áudios de atos preconceituosos.
Sim. Eu já sofri preconceito linguístico e aproveitei para externar como me sentia sobre isso. Esta foi a forma que também pude dar voz ao aluno que estava sofrendo bullying por seu sotaque.
Conversa trazendo algumas diferenças regionais e culturais.
Não vivenciei.
A minha conduta foi orientar a pesquisa de diversidade linguística no nosso país e apresentação dos trabalhos em grupo unindo a turma. A interação quebra barreiras e exemplifica a derrubada de

Fonte: <https://forms.gle/QryfkwzcxUHmQyW58>.

A aplicação de metodologias ativas no ensino fundamental pode ser uma estratégia eficaz para abordar o preconceito linguístico e a variação linguística. Uma vez que se estuda como o preconceito linguístico pode afetar a vida do educando e do educador, cria-se a necessidade de entender quais fatores influenciam a sua disseminação, bem como a relação que a variação linguística possui com esse fator. Sendo assim, foi importante desenvolver uma pesquisa explicativa, com a utilização de formulários online (*Google Forms*). Como afirma Brasil (2017):

Assim, é relevante no espaço escolar conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico. Por outro lado, existem muitas línguas ameaçadas de extinção no país e no mundo, o que nos chama a atenção para a correlação entre repertórios culturais e linguísticos, pois o desaparecimento de uma língua impacta significativamente a cultura. (BRASIL, 2018, p. 89)

A BNCC destaca que os alunos devem ser capazes de compreender e produzir variedades linguísticas, incluindo o português padrão, dialetos regionais, gírias, registros formais e informais, entre outros. Isso é fundamental para que os alunos desenvolvam competências comunicativas mais amplas e sejam capazes de interagir de forma eficaz em diferentes contextos sociais e culturais.

No Ensino Fundamental II, os professores podem abordar as variações linguísticas de várias maneiras, integrando-as ao ensino de Língua Portuguesa e Literatura. Algumas estratégias, que podem ser adotadas, incluem:

- ✓ *Leitura e análise de textos*: Os alunos podem ler e analisar textos que apresentem variedades linguísticas, como obras literárias que apresentam personagens de diversas regiões do Brasil ou textos jornalísticos que utilizam gírias e expressões informais.
- ✓ *Produção textual*: Os alunos podem ser incentivados a produzir textos em diferentes registros linguísticos, como cartas formais, diálogos informais, narrativas literárias com personagens que falam em dialetos regionais, entre outros.
- ✓ *Pesquisa e apresentação*: Os alunos podem realizar pesquisas sobre a diversidade linguística do Brasil, incluindo a identificação de dialetos regionais, expressões típicas de diferentes comunidades e o impacto da globalização na língua portuguesa. Eles podem então apresentar suas descobertas para a turma, promovendo o compartilhamento de conhecimento e o respeito à diversidade linguística.
- ✓ *Discussões em sala de aula*: Os professores podem promover discussões em sala de aula sobre a importância da diversidade linguística e os estereótipos associados a determinadas variedades linguísticas. Isso pode ajudar os alunos a desenvolverem uma consciência crítica em relação à linguagem e a combater preconceitos linguísticos.
- ✓ *Produção de projetos*: Os alunos podem trabalhar em projetos que explorem a relação entre linguagem e identidade cultural, como a produção de vídeos, peças teatrais ou revistas que reflitam a diversidade linguística do Brasil.

Ao integrar as variações linguísticas ao currículo escolar, os professores podem contribuir para uma educação mais inclusiva e contextualizada, que prepare os alunos para a diversidade linguística e cultural do mundo real.

A variação linguística muitas vezes é ignorada ou até mesmo desprezada no meio escolar por vários motivos, como: o sistema educacional frequentemente adota a norma culta ou padrão como a referência para o ensino da língua; e as escolas tendem a enfatizar essa forma da língua para preparar os alunos para o mercado de trabalho e para a mobilidade social. A formação dos professores de língua portuguesa muitas vezes é centrada na norma culta. Santana e Neves (2015) afirmam:

As escolas brasileiras preocupam-se em ensinar aos estudantes como devem falar de acordo com a norma padrão. Sem a preocupação da reflexão e do embasamento teórico, perde-se a oportunidade de pensar que a forma

como se fala é uma variação da língua e que existe uma língua oficial para a escrita ou para momentos sociais em que esta seja necessária, uma vez que se precisa de formalidade. Saber identificar que momentos são estes e qual variação se pode utilizar irá provocar reflexões no estudante sobre o modo de agir e pensar em relação à sua fala e mesmo às variedades linguísticas das quais dispõe, conscientizando-o de que nenhuma variação é melhor ou pior que a outra, mas sim, diferente. Práticas de reflexão e conscientização como essas contribuirão, certamente, para desarraigar de nossas escolas, dos docentes e dos estudantes o preconceito linguístico. (SANTANA; NEVES, 2015, p. 77)

Nesse contexto, muitos professores podem não se sentir preparados ou confortáveis para abordar e valorizar adequadamente as variações linguísticas. Existe uma percepção comum de que as variações linguísticas, especialmente aquelas associadas a grupos sociais menos favorecidos, são “incorretas” ou “inferiores”. Como afirma Bortoni-Ricardo (2023):

No meio escolar, na maioria das vezes, a diversidade da língua é também ignorada, pois falta preparo teórico-metodológico para o professor lidar com um fenômeno comum, não aceito, entretanto, pela sociedade. Dada tal situação é crucial uma alteração na tarefa do profissional que lida didaticamente com a língua portuguesa no Brasil, uma vez que os estudos sobre a diversidade linguística já avançaram consideravelmente. (ALMEIDA; BORTONI-RICARDO, 2023, p. 8)

Também as avaliações padronizadas, como exames nacionais e vestibulares, frequentemente exigem o uso da norma padrão. Isso incentiva as escolas a focarem nessa variante linguística para garantir que seus alunos estejam bem-preparados para essas provas.

A prática docente em relação à variação linguística envolve uma abordagem inclusiva e respeitosa a diversidade linguística dos alunos. Os professores devem conscientizar os alunos sobre a existência e a importância da variação linguística. É essencial que os professores valorizem todas as formas de linguagem, independentemente de se alinharem ou não com o padrão linguístico considerado “aceito” ou “correto”. Nesse sentido, afirmam Santana e Neves (2015):

Atualmente, é nas escolas que podemos notar uma ocorrência mais acentuada desse fenômeno, principalmente nos anos iniciais de escolaridade, uma vez que os estudantes trazem uma bagagem linguística bem mais recheada dessas variedades, e é nessa fase que se tem o primeiro contato com a língua padrão. É nesse período que o docente se vê em conflito com seu saber e sua prática, realizando intervenções que podem ser desrespeitosas e preconceituosas em relação às variações linguísticas. É necessário que esses docentes possam entender que falar diferente da norma considerada “padrão” não é errado. (SANTANA; NEVES, 2015, p. 76)

Ao ensinar a Língua Portuguesa, os professores podem utilizar exemplos de variedades linguísticas, podendo, assim, ajudar os alunos a entender que a linguagem é flexível e se adapta a diferentes contextos e comunidades, sendo o mais essencial promover o respeito mútuo entre os alunos, independentemente de sua origem linguística.

5. *Considerações finais*

Um ambiente livre de preconceito linguístico favorece o processo de ensino-aprendizagem. Alunos que se sentem respeitados e valorizados estão mais propensos a participar ativamente das atividades e a se engajar nos conteúdos acadêmicos. Ao lidar com o preconceito linguístico, o professor contribui para a formação de cidadãos críticos e conscientes das desigualdades sociais. Isso prepara os alunos para questionarem injustiças e trabalharem em prol de uma sociedade mais equitativa.

A luta dos professores contra o preconceito linguístico é uma empreitada essencial para a construção de um ambiente educacional inclusivo, justo e respeitoso. Ao enfrentarem esse tipo de discriminação, os professores desempenham um papel crucial na promoção da diversidade linguística e cultural, fomentando a inclusão e a equidade dentro das escolas. Essas ações não apenas protegem os direitos dos alunos, mas também contribuem para o desenvolvimento de competências socioemocionais, como empatia e respeito pelas diferenças.

Em resumo, os esforços dos professores para erradicar o preconceito linguístico são vitais não apenas para o bem-estar e o sucesso acadêmico dos alunos, mas também para a promoção de uma sociedade mais equitativa e inclusiva. Ao abraçar essa causa, os educadores estão ajudando a construir um futuro em que a diversidade é celebrada, em que todos têm a oportunidade de prosperar, independentemente de sua condição e de seus modos de comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Joyce Elaine de; BORTONI-RICARDO, Stella Maris (Orgs). *Variação linguística na escola*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2023. (e-book)
- BAGNO, Marcos. *A Língua de Eulália: novela sociolinguística*. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2010. (e-book)

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz?* São Paulo: Loyola, 2008.

_____. *Pesquisa na escola: o que é como se faz.* São Paulo: Loyola, 1998.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Ensino Fundamental Anos Finais. Brasília: MEC 2018. Disponível: <http://basenacio.nalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 2 mai. 2024.

BRASIL. SEF/MEC. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2024.

DA SILVA MOTA, J. Utilização do Google Forms na pesquisa acadêmica. *Humanidades & Inovação*, 6(12), 371-73, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1106>. Acesso em: 5 mai. 2024.

FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à linguística*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010. (e-book)

FIORIN, José L. *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2013. (e-book)

SANTANA, J.; NEVES, M. As Variações Linguísticas e suas Implicações na Prática Docente. *Millenium – Journal of Education, Technologies, and Health*, (48), 75-93, 2016. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/millenium/article/view/8096>. Acesso em: 11 abr. 2024.

FREITAG, Raquel Meister Ko; SAVEDRA, Mônica Maria G. (Orgs). *Mobilidade e contatos linguísticos*. São Paulo: Blucher, 2023. (e-book)

TERRA, Ernani. *Linguagem, língua e fala - 3ED*. São Paulo: Saraiva, 2018. (e-book)